

Da crise na educação.

VILÉM FLUSSER

Costuma dizer-se, com certo grau de plausibilidade, que a nossa cultura está em crise fundamental, o que equivale dizer que os modelos da nossa cultura estão sendo abandonados por esvaziamento. Esses modelos, sejam de comportamento ou de funcionamento, são chamados, em vários contextos, "ideais" ou "valores". Estruturam toda cultura, embora não sejam necessariamente conhecidos racionalmente pelos participantes da cultura. (Isto explica a curiosa dificuldade que têm os defensores de "valores" de definir os valores que defendem.) A educação é um dos métodos pelos quais toda cultura transmite o conjunto dos modelos de geração a geração, e visa preservar a estrutura da cultura, a sua "identidade". Neste contexto o conjunto dos modelos transmitidos pode ser chamado a "paideia" da cultura. A afirmativa da crise fundamental da nossa cultura implica a afirmativa da ruptura da nossa paideia. A educação atualmente em curso representaria, de acordo com tal afirmativa, a tentativa de transmitir modelos esvaziados, uma tentativa que se sustenta apenas pela inércia própria de todo processo. Para quem aceita tal afirmativa a decadência das universidades, (e parcialmente das escolas secundárias), nas sociedades desenvolvidas não significa apenas a decadência de determinados métodos de educar, mas mais significativamente a decadência do próprio conteúdo a ser transmitido pelo processo educativo. Por certo: o método atual da educação, (a "escola"), é um método arcaico e insustentável. Consiste ele em reunir os receptores da educação em torno das fontes emissoras. Quando os exemplos da imprensa, do rádio, da televisão e do filme nos mostram a eficiência do método oposto: irradiar a educação para que alcance os receptores nos seus lugares respectivos. Portanto os dias da escola enquanto lugar de educação são certamente contados. Mas para quem afirma a ruptura da nossa paideia este problema metodológico não é decisivo. Para ele não estamos presenciando apenas o fim da escola.

O propósito do presente artigo é procurar lançar alguma luz sobre a suposta ruptura da nossa paideia, sem querer afirmá-la ou negá-la. Nesta tentativa o artigo restringirá a atenção sobre um determinado aspecto da educação, a saber: sobre o ensino. Definirá o termo "ensino" da seguinte forma: que "ensino" seja a transmissão de geração a geração de modelos de funcionamento. Assim definido o ensino, podem ser constatadas duas épocas pedagógicas no curso da Idade Moderna. A primeira época se inicia no Renascimento. O seu ideal é a transmissão da totalidade dos modelos de funcionamento ao dispor da cultura de professor para aluno. O resultado visado por tal ensino é o "uomo universale" do Renascimento e o "independent gentleman of means" do Iluminismo. A segunda época pedagógica se inicia com a Revolução Industrial, e com as Revoluções americana e francesa. O seu ideal é a transmissão dos modelos de funcionamento por parcelas recortadas em disciplinas, achando-se pois a totalidade desses modelos disponível à cultura repartida entre vários professores e alunos. O resultado visado por tal ensino é o profissional, o funcionário e o especialista. Simultaneamente é mantida uma frágil esperança que a síntese totalizadora desse processo de frag

VILÉM FLUSSER

2

mentação seria alcançada por alguma meta-disciplina, (por exemplo: pela filosofia). Quem afirma a ruptura da nossa paideia afirma, entre outras coisas, a morte desses dois ideais de ensino.

É óbvio que a substituição do ensino total pelo ensino especializado não é resultado de uma modificação da paideia da nossa cultura. É, pelo contrário, resultado de um desenvolvimento progressivo de um determinado tipo de modelos de funcionamento, a saber: dos modelos fornecidos pelas ciências da natureza. É um dos característicos dessas ciências que acumulam dados e elaboram métodos em progressão geométrica, dada a estrutura discursiva à qual obedecem. O resultado dessa acumulação é que a quantidade dos modelos que fornecem ultrapassa a capacidade armazenadora de memórias individuais humanas. Assim, o abandono do ensino enquanto transmissão da totalidade de modelos disponível é imposto. O ensino especializado, longe de ser um método pedagógico que corresponde à paideia da nossa cultura, é uma tentativa de obviar o problema da acumulação desumana de dados. O especialista nunca foi um ideal da nossa cultura, e sempre tem sido vivenciado como anomalia e sintoma patológico de um defeito profundo.

É preciso notar, para captar melhor a perturbação do contexto da nossa cultura causada pelo ensino especializado, que as ciências da natureza nunca representavam a única fonte dos modelos de funcionamento, embora tendam a representar a fonte mais importante. Outras há, (as chamadas "humanísticas"), e estas, por não serem necessariamente discursivas, não acumulam necessariamente dados como o fazem as ciências da natureza. A quantidade de modelos fornecida por tais fontes continua perfeitamente adequada à capacidade armazenadora da memória humana. O resultado desta discrepância entre as fontes é a divisão da nossa cultura em "científica" e "humanística", divisão essa que ameaça a própria identidade da nossa cultura, e, com efeito, é um dos argumentos em pró da ruptura da nossa paideia. Poderia ter surgido, pois, uma situação grotesca no campo do ensino, na qual haveria de um lado ensino especializado em ciências da natureza, e do outro lado ensino total, (embora truncado da sua dimensão "científica"), em humanidades. A situação grotesca não se deu, porque as próprias humanidades, em imitação desesperada das ciências, passaram a especializar-se. De forma que a situação atual, ou a do passado recentíssimo, é a de um ensino fragmentado, na qual o divórcio entre a cultura científica e humanística se aprofunda, embora mascarado pela progressiva especialização em ambos os campos. A doença da especialização aflige inclusive a filosofia, a qual portanto demonstra a sua incompetência para servir de meta-canal sintetizador das especialidades.

É claro que esta situação crítica do ensino, (que a um tempo espelha a situação crítica da nossa cultura e contribui para agravar a crise), provocou várias tentativas de superar a crise. As tentativas são empreendidas por aqueles que procuram negar a ruptura da nossa paideia e continuam portanto engajados na nossa cultura. A teoria da comunicação é uma dentre as tentativas.

VILÉM FLUSSER

A segunda parte deste artigo será dedicada à consideração disto. O ensino enquanto transmissão de modelos de funcionamento pode ser concebido como comunicação entre duas memórias, a do professor, (ou outro tipo de emissor), e a do aluno. A memória do professor é uma organização de dados de acordo com regras. A soma dos dados é o repertório do professor, a soma das regras é a sua estrutura. A soma das combinações possíveis dos dados com as regras é a competência do professor, (ou de um outro tipo de memória emissora a substituir futuramente professores). A memória do aluno é uma organização homomorfa à memória do professor, mas a competência do aluno está englobada pela competência do professor, sob pena de impossibilitar o ensino. Havendo discrepância total entre as duas competências, a comunicação de ensino não se estabelece, já que o aluno não pode captar qualquer mensagem emitida pelo professor, (toda mensagem seria "ruidosa"). Havendo coincidência total entre as duas competências, a comunicação de ensino não se estabelece, já que o aluno já conhece qualquer mensagem emitida pelo professor, (toda mensagem seria "redundante"). Mas se a competência do aluno estiver englobada pela competência do professor, algumas mensagens emitidas pelo professor podem ser novas para o aluno, (algumas mensagens "informam"). (Tudo isto é uma simplificação do processo de ensino, mas como simplificação vale perfeitamente).

Dada esta terminologia podemos dizer que na primeira época pedagógica da Idade Moderna havia coincidência, em tese, entre a competência do professor e a competência da cultura, (definindo-se "cultura" como "memória coletiva"). Em outras palavras: o "uomo universale" é uma memória cuja competência coincide com a competência da sua cultura. Não havendo mais a possibilidade de fazer coincidir a competência de uma memória individual com a competência da memória coletiva, (devido ao acúmulo excessivo de dados), passa o ensino na segunda época pedagógica da Idade Moderna a especializar-se. Com efeito, a especialização parece ser o único método de ensino possível, até que se analize melhor o processo de comunicação que o estrutura.

Se notarmos, no entanto, que a competência é a soma de combinações entre dados e regras, verificaremos que podemos alcançar a mesma competência com poucos dados e muitas regras, e com muitos dados e poucas regras. De maneira que surgem, em situação de excesso de dados, três alternativas para o ensino: A primeira é a comunicação de um máximo de dados e um mínimo de regras, e, com efeito, este é o método atualmente aplicado. A segunda alternativa é a comunicação de um mínimo de dados e um máximo de regras, que será considerada em seguida. A terceira alternativa seria a comunicação de um ótimo de dados e um ótimo de regras, que seria obviamente a alternativa ideal, mas que é impraticável. É impraticável porque exige, para a constatação do "ótimo", uma memória cuja competência coincida com a competência da cultura, e tal memória não existe.

A segunda alternativa, a de comunicar um mínimo de dados e um máximo de regras, começa a opor-se à especialização nas sociedades desenvolvidas, e é cha

ATA LITZEL

4

VILÉM FLUSSER

mada "universalismo" nos Estados Unidos, e "studium generale" na Alemanha. Alguns entre os argumentos em pról dessa alternativa são estes: Os dados fornecidos pelas ciências da natureza não são apenas muito numerosos, mas também efêmeros e rapidamente desvalorizados, (especialmente os dados das "teorias"). Com efeito: a validade de um especialista enquanto armazem de dados diminui rapidamente, e um especialista formado em 1950 vale muito menos que um formado em 1970. É possível tentar atualizar o especialista, fornecendo-lhe dados novos, (por pós-graduação etc.), mas é mais difícil eliminar da sua memória dados superados. Além disto, a atualização é processo dispendioso. Um outro argumento contra a especialização é a possibilidade atual de substituir memórias humanas (enquanto armazens de dados), por memórias artificiais com capacidade armazenadora superior à humana. Um terceiro argumento, fundamental e implícito no segundo, é que o especialista não passa de instrumento.

O ensino universal, cujo peso é sobre regras e não sobre dados, se desvaloriza menos rapidamente. Isto não apenas porque regras mudam com rapidez menor que dados, mas também porque é possível construir regras autógenas, (isto é: regras criadoras de regras). Uma memória informada pelo ensino universal é uma competência capaz de participar de uma multiplicidade de disciplinas por tempo razoavelmente longo. Obviamente a sua competência em cada uma dessas disciplinas é muito menor que a de um especialista.

É claro que o universalista não é um "uomo universale". A sua competência não coincide com a competência da sua cultura. Mas o universalista pode participar decisivamente de amplas parcelas de sua cultura. (Já que "decisão" tem a ver com "comparação entre disciplinas"). Isto explica porque nas sociedades desenvolvidas universalistas são mais procurados que especialistas, e porque são mais bem pagos.

Resta saber se o universalista é uma resposta válida à crise fundamental da nossa cultura, e se ele é um ideal da nossa paideia. E resta saber, ainda, se ele é a única resposta possível. O presente artigo não se anima a resolver o problema. Pois estar em crise significa justamente ignorar o desfecho.